



"Uma declaração de amor aos anos 1980."

– David Ebershoff,
autor de *A garota dinamarquesa*



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Este livro é para minha mãe e meu pai

1

```
10 REM *** TELA DE BOAS-VINDAS ***
20 POKE 53281,0: POKE 53280,3
30 PRINT "(CLR\xWHT\x12 CSR DWN)"
40 PRINT "(7 SPACES) FORTALEZA IMPOSSÍVEL"
50 PRINT "(7 SPACES) UM JOGO DE WILL MARVIN"
60 PRINT "(9 SPACES) E MARY ZELINSKY"
70 PRINT "(2 CSR DWN)"
80 PRINT "(7 SPACES)\XC\1987 RADICAL PLANET"
90 GOSUB 4000
95 GOSUB 4500
1■
```

MINHA MÃE TINHA CERTEZA de que eu ia morrer cedo. Foi na primavera de 1987, poucas semanas depois que fiz 14 anos, que ela começou a trabalhar à noite no Food World, que pagava um dólar por hora extra. Eu dormia sozinho na casa vazia enquanto ela despachava compras e morria de preocupação com todas as coisas terríveis que poderiam me acontecer. E se eu engasgasse com um nugget de frango? Se escorregasse no chuveiro? Se esquecesse de apagar o fogo e a casa explodisse? Toda noite ela ligava às dez horas para ter certeza de que eu acabara de fazer o

dever de casa e trancara a porta da frente, e às vezes me obrigava a testar os alarmes de incêndio, só por precaução.

Eu me sentia o garoto mais sortudo da nona série. Meus amigos, Alf e Clark, vinham me visitar sempre à noite, doidos para comemorar minha liberdade recém-adquirida. A gente via TV por horas, fazia litros de milk-shake e devorava biscoito e pizza até enjoar. Jogávamos War e Banco Imobiliário durante dias, e as partidas sempre terminavam com o perdedor, danado da vida, atirando o tabuleiro longe. Conversávamos sobre música e cinema; tínhamos discussões apaixonadas sobre quem venceria numa briga: Rocky Balboa ou Freddy Krueger? Bruce Springsteen ou Billy Joel? Magnum, T. J. Hooker ou MacGyver? Toda noite era uma farra; lembro-me de achar que essa boa vida nunca acabaria.

Mas foi então que a *Playboy* publicou as fotos da apresentadora da *Roda da Fortuna*, Vanna White, por quem me apaixonei perdidamente, e tudo começou a mudar.

Alf foi quem primeiro descobriu a revista, e veio correndo da loja do Zelinsky para nos contar tudo. Clark e eu estávamos no sofá da sala, assistindo aos vinte melhores vídeos na MTV, quando Alf entrou esbaforido.

– A bunda dela está na capa – declarou, ofegante.

– Bunda de quem? – perguntou Clark. – Que capa?

Alf se jogou no chão, segurando a barriga, totalmente sem fôlego.

– Vanna White. Na *Playboy*. Acabei de ver, e a bunda dela está na capa!

Que notícia extraordinária! *Roda da Fortuna* era um dos programas mais populares da televisão, e a apresentadora, Vanna White, era a queridinha do país, uma garota da pequena cidade de Myrtle Beach que ganhara fama e fizera uma enorme fortuna graças aos jogos de adivinhação de palavras que apresentava. A notícia das fotos na *Playboy* já tinha virado manchete nos tabloides: HUMILHADA E CHOCADA, VANNA alega que as FOTOS EXPLÍCITAS foram tiradas muitos anos atrás e não eram destinadas, de forma alguma, às páginas da *Playboy*. Ela entrou com uma ação no valor de 5,2 milhões de dólares para impedir a publi-

cação, mas agora – depois de meses de boatos e especulações – a revista chegara finalmente às bancas.

– É a coisa mais incrível que já vi – acrescentou Alf, subindo numa cadeira e fazendo uma imitação da pose de Vanna na capa. – Ela está sentada no parapeito da janela. Assim! Inclinada para fora. Como se estivesse vendo como está o tempo. Só que sem calcinha!

– Não acredito – disse Clark.

Nós três morávamos no mesmo quarteirão e, com o passar dos anos, percebemos que Alf era chegado a um exagero. Como quando afirmou que John Lennon tinha sido assassinado com uma metralhadora. No alto do Empire State.

– Juro pela minha mãe – disse Alf, levantando a mão para o céu. – Se for mentira, que ela seja atropelada por uma carreta.

Clark forçou o braço dele para baixo.

– Você não devia dizer essas coisas – falou. – Sua mãe tem sorte de ainda estar viva.

– Sim, porque a *sua* mãe é feito o McDonald's – disse Alf, curto e grosso. – Satisfaz bilhões e bilhões de fregueses.

– Minha mãe? – perguntou Clark. – Por que está metendo minha mãe nisso?

Alf simplesmente ignorou a pergunta.

– Sua mãe é feito goleiro frangueiro. Deixa entrar o primeiro, depois o segundo, depois o terceiro...

Ele tinha um conhecimento enciclopédico dessas piadas de mãe, que soltava diante da menor provocação.

– Sua mãe é igual a uma churrascaria japonesa...

Clark pegou um travesseiro e arremessou-o, acertando bem na cara de Alf. Furioso, Alf atirou-o de volta com o dobro de força, errando Clark e derrubando o meu copo de Pepsi. A bebida se espalhou pelo tapete.

– Merda! – gritou Alf, abaixando-se para limpar a sujeira. – Desculpe, Billy.

– Não faz mal – falei. – Pegue umas folhas de papel-toalha.

Não tinha motivo para criar problema. Eu não ia trocar Alf e Clark por amigos novos, mais educados. Fazia nove meses que havíamos co-

meçado o ensino médio, e vimos nossos colegas de turma mergulharem nos esportes, nos clubes ou nos estudos. No entanto, apenas orbitávamos em torno deles, sem nos encaixar direito em lugar algum.

Eu era o aluno mais alto do nono ano, mas não o tipo certo de cara alto: cambaleava pelo colégio como um filhote de girafa, com minhas pernas esqueléticas e meus braços desengonçados, à espera de que o resto de minha figura encorpasse. Alf era mais baixo, mais gordo, mais suarento, e penava por ter o mesmo nome do alien mais popular da televisão – um boneco de um metro de altura, dono do próprio programa de humor. A semelhança entre ambos era assombrosa. Os dois Alfs tinham a constituição de trolls: nariz grande, olhos pequenos e brilhantes, cabelos castanhos desgrenhados. Até nossos professores brincavam dizendo que eles eram gêmeos.

Apesar de todos os nossos óbvios defeitos, Alf e eu sabíamos que tínhamos mais sorte do que Clark. Toda manhã ele punha os pés para fora da cama com cara de galã da revista *TigerBeat*, dedicada às adolescentes românticas. Era alto e musculoso, de cabelos louros ondulados, olhos azul-escuros e pele perfeita. Quando as garotas no shopping viam Clark chegando, ficavam de boca aberta como se ele fosse River Phoenix ou Kiefer Sutherland – até se aproximar e ver a Garra, quando então desviavam o olhar depressa. Clark nascera com os dedos da mão esquerda colados, formando uma espécie de pinça rosada de caranguejo. A mão era praticamente inútil – ele podia abrir e fechá-la, mas não tinha força para pegar nada que fosse maior ou mais pesado que uma revista. Clark havia jurado que, tão logo fizesse 18 anos, arranjaría um médico para amputá-la, mesmo que custasse um milhão de dólares. E, até que isso acontecesse, vivia de cabeça baixa, com a Garra enfiada no bolso, evitando chamar atenção. A gente sabia que Clark estava condenado para sempre ao celibato – que jamais teria uma namorada de carne e osso – e que por isso ele precisava, mais do que qualquer outra pessoa, da *Playboy* com a Vanna White.

– Ela está na página central? – perguntou ele.

– Não sei – respondeu Alf. – Zelinsky a pendurou numa prateleira atrás da caixa registradora. Ao lado dos cigarros. Não consegui chegar perto.

– Você não comprou? – questionei.

– Ah, comprei! – bufou Alf. – Cheguei para o Zelinsky e pedi a *Playboy*. E uma caixa com seis cervejas. E um cachimbo de crack também, por que não? Você ficou maluco?

Nós sabíamos que comprar a *Playboy* estava fora de cogitação. Já era difícil comprar discos de rock, por causa das advertências de Jerry Falwell sobre suas influências satânicas e de Tipper Gore prevenindo os pais sobre o caráter obsceno das letras. Nenhum lojista americano iria vender a *Playboy* para um garoto de 14 anos.

– Howard Stern diz que as fotos são incríveis – explicou Clark. – Ele falou que a gente vê os dois peitos muito bem. Mamilos, ductos lactíferos e o escambau.

– Ductos o quê? – perguntei.

– *Lactíferos*, de leite – explicou Alf.

Clark balançou a cabeça.

– Você quer dizer as aréolas, seu burro. O ducto lactífero é a parte oca do mamilo. De onde jorra o leite.

– Os mamilos não são ocos – afirmou Alf.

– Claro que são – disse Clark. – É por isso que são sensíveis.

Alf puxou a camiseta para cima, expondo a barriga e o peito flácidos.

– Olha só os meus. *Meus* mamilos são ocos?

Clark cobriu os olhos.

– Tape essa porcaria. Por favor.

– Eu não tenho mamilos ocos – insistiu Alf.

Eles viviam competindo para saber quem entendia mais de garotas. Alf alegava ter mais autoridade sobre o assunto porque tinha três irmãs mais velhas. Clark obtinha toda a sua informação de *O ABZ do amor*, o estranho manual erótico dinamarquês que ele encontrara escondido dentro da gaveta de cuecas do pai. Eu não tentava competir com nenhum dos dois. Só sabia que nada sabia.

Finalmente deu sete e meia e começou a *Roda da Fortuna*. Alf e Clark ainda discutiam sobre os ductos lactíferos, por isso coloquei o som da TV no volume máximo. Já que a casa era só nossa, podíamos fazer o estardalhaço que quiséssemos.

– Olhem só o nosso estúdio, cheio de prêmios incríveis! Coisas interessantes e fabulosas!

Todo episódio começava do mesmo jeito, com o apresentador, Charlie O'Donnell, fazendo uma prévia das maiores preciosidades da noite.

– Férias ao redor do mundo, um magnífico relógio suíço e uma Jacuzzi novinha! Mais de 85 mil dólares de prêmios à espera dos ganhadores na *Roda da Fortuna!*

A câmera deu uma panorâmica no mostruário cheio de malas, botes e processadores culinários. Em meio a tudo aquilo estava o maior prêmio de todos: a própria Vanna White, com seu 1,68 metro e seus 52 quilos, embrulhada num casaco de chinchila de doze mil dólares. Alf e Clark pararam de brigar e nós três nos inclinamos em direção à tela. Vanna era, sem dúvida alguma, a mulher mais linda dos Estados Unidos. É verdade que se podia dizer que os olhos de Michelle Pfeiffer eram mais marcantes, que Kathleen Turner tinha as pernas mais bonitas e que Heather Locklear possuía, no conjunto, o corpo mais perfeito. Mas nós éramos devotos da típica garota bonita americana, aquela que poderia ser nossa vizinha. Vanna White tinha uma pureza que a colocava acima das outras.

Clark se aproximou de mim, batendo com a Garra no meu joelho.

– Amanhã vou ao Zelinsky – declarou. – Quero ver essa capa com meus próprios olhos.

– Vou com você – falei, mas sem tirar os olhos da tela.

2

```
200 REM *** ESTABELECENDO DIFICULDADES ***
210 PRINT "{CLR} {15 CSR DWN}"
220 PRINT "SELECIONAR NÍVEL DE HABILIDADE"
230 PRINT "FÁCIL-1 NORMAL-2 EXTREMA-3"
240 INPUT "SUA ESCOLHA?"; SL
250 SE SL<1 OU >3 ENTÃO IRPARA 200
260 SE SL=1 ENTÃO PK=10
270 SE SL=2 ENTÃO PK=15
280 SE SL=3 ENTÃO PK=20
290 RETURN
```

1■

MORÁVAMOS EM WETBRIDGE, a oito quilômetros de Staten Island, numa região que os humoristas da comédia stand-up chamavam de Sovaco de Nova Jersey. Havia fábricas, refinarias de petróleo, rios sujos e longos engarrafamentos, lares apinhados de gente e uma porção de igrejas católicas. Se você quisesse comprar alguma coisa, tinha que ir à “cidade”, um trecho de dois blocos de lojas pertencentes a famílias locais, ao lado da estação de trem. Na cidade havia uma loja de bicicletas, uma pet shop, uma agência de viagens e meia dúzia de lojas de roupas.

Todas elas tinham prosperado durante os anos 1950 e 1960, mas, desde 1987, vinham sendo aniquiladas pela pressão dos shoppings. Eu conseguia correr livremente pelas calçadas com minha bicicleta, pois nunca encontrava gente para atrapalhar o meu caminho.

A loja de máquinas de escrever e artigos de escritório de Zelinsky era a única na cidade que vendia a *Playboy*. Ficava em frente à estação de trem da Market Street, um prédio de tijolos de dois andares, com máquinas de escrever nas vitrines. O toldo sobre a porta anunciava: “Manual * Elétrica * Fitas * Consertos”. Mas o grosso do comércio de Zelinsky provinha do estande de jornais situado logo depois da porta de entrada. Ali, ele vendia cigarros, jornais e café para os passageiros que iam para o trabalho, antes de pegarem os trens matutinos.

Largamos nossas bicicletas na calçada e Clark entrou para confirmar a história de Alf. Ressurgiu momentos depois, ruborizado e meio zozinho.

– Você viu? – perguntei. – Está se sentindo bem?

Clark fez que sim com a cabeça.

– Está numa prateleira atrás do caixa.

– Com a bunda na capa? – acrescentou Alf.

– Com a bunda na capa – confirmou Clark.

A gente se acotovelou num banco para debater a estratégia a seguir. Eram três e meia da tarde e dava prazer estar ao ar livre; era o dia mais quente do ano, e o verão estava chegando.

– Já bolei tudo – disse Alf, dando uma olhada em volta para ver se a barra estava limpa. – Vamos contratar alguém para comprar.

– Contratar alguém? – questionei.

– A revista custa quatro dólares e precisamos de três exemplares. Então, isso dá um total de doze paus. Mas vamos pagar *vinte* paus para alguém comprar. A gente fica com a *Playboy* e esse alguém embolsa oito dólares de lucro. Só para comprar a revista!

Alf falou como se aquilo fosse uma revelação extraordinária, como se ele tivesse bolado um plano para roubar o ouro de um banco. Mas, quando Clark e eu demos uma olhada na rua principal, vimos apenas mãos empurrando carrinhos de bebê e alguns idosos esperando o ônibus.

- Ninguém dessa turma aí pode ajudar a gente – falei.
- Ninguém *dessa* turma – emendou Alf, pondo a ênfase onde devia.
- É só a gente ter paciência até aparecer a pessoa certa. A Operação Vanna depende de paciência.

Alf era o cérebro por trás de nossos maiores golpes, como a Operação Grande Gole (na qual afanamos fitas cassete usando grandes copos de refrigerante) e a Operação Trono Arrasado (na qual destruímos um banheiro do colégio usando fogos de artifício). Ele tinha um prazer especial em desrespeitar regras e desafiar autoridade e, quando cismava com um objetivo, era capaz de persegui-lo por semanas a fio, com absoluta determinação. Era só uma questão de tempo, alertava minha mãe, para que Alf fosse preso ou morto.

Ficamos os três sentados no banco, observando os carros que cruzavam a Market Street e examinando cada pessoa que passava. Concordamos que precisávamos que fosse um homem, mas era esse o problema – não havia nenhum caminhando por Wetbridge às três e meia da tarde. Estavam todos ocupados, trabalhando. E, toda vez que aparecia algum, a gente inventava um motivo para desqualificá-lo:

- Jovem demais.
- Velho demais.
- Antipático demais.
- Parece um padre disfarçado.

Isso era Alf falando de novo – sua família era católica e ele vivia nos prevenindo contra padres disfarçados, religiosos vestidos à paisana que patrulhavam Wetbridge em busca de malfeitores. Clark e eu dissemos que aquilo era bobagem; não havia nenhuma menção a “padres disfarçados” no dicionário, na enciclopédia nem em qualquer livro da biblioteca. Alf insistia que o segredo era proposital; alegava que esses padres viviam no anonimato, cumprindo ordens estritas do Vaticano.

Ficamos ali por mais de uma hora. Clark começou a ficar impaciente.

- Isso aqui não vai dar em nada – disse. – Vamos à locadora. Podemos pegar *Kramer vs. Kramer*.
- De novo, não – disse Alf.
- Melhor do que varar a noite sentado aqui – observou Clark.

A locadora examinava a identidade e não alugava filmes adultos para ninguém com menos de 17 anos. Mas Clark pesquisou o estoque deles e descobriu uma porção de vídeos com censura mais branda e uma escandalosa profusão de nudez feminina: *Barry Lyndon*, *Barbarella*, *O monstro do pântano*. O melhor deles era *Kramer vs. Kramer*, que ganhou o Oscar de melhor filme em 1979, estrelando Dustin Hoffman e Meryl Streep. A história – algo sobre um casal se divorciando – era chata pra burro. A gente sempre avançava o vídeo até a marca dos 44 minutos, para o momento em que a garota gostosa do Dustin Hoffman sai da cama para ir ao banheiro. O que se segue são 53 segundos de nudez frontal, filmada de vários ângulos. A gente já tinha alugado o vídeo um monte de vezes, sem jamais assistir a mais de um minuto dele.

– Estou cansado de *Kramer vs. Kramer* – disse Alf.

– Estou cansado é de ficar sentado aqui – falou Clark. – Ninguém vai querer ajudar a gente. A Operação Vanna não está dando certo.

– O movimento está aumentando – frisei. – Vamos prestar um pouco mais de atenção em tudo.

No final da tarde, os trens começaram a chegar a cada quinze minutos, e uma porção de passageiros da idade adequada desembarcou, a maioria carregando pastas e sobretudos. Eles passaram pela Zelinsky ao sair da estação, e alguns entraram rápido na loja para comprar cigarros ou raspadinhas de loteria. Mas nós apenas os observamos, sem dizer uma palavra. Não conseguimos nos dirigir a nenhum deles para pedir ajuda. Pareciam respeitáveis demais.

– Talvez a gente deva jogar a toalha – sugeri.

– Obrigado – falou Clark.

Mas Alf já apontava para o outro lado da rua.

– Lá – disse ele. – *Aquele* cara.

Destacando-se da turma de terno e gravata, vinha um rapaz usando bermuda feita de calça jeans cortada, camisa de flanela vermelha e óculos escuros Ray-Ban. Achei que já tinha visto a cara dele antes, lá no estacionamento do Wetbridge Liquors, uma loja de bebidas. Tinha o cabelo como o de Billy Idol, descolorido e espetado.

– Ele tem pinta de... malandro – declarei.

– Malandro é legal – decretou Clark. – É *isso* que queremos: um cara malandro.

– Por favor, amigo! – chamou Alf.

O cara nem hesitou. Virou-se em nossa direção como se vivesse sendo parado na rua por garotos de 14 anos. Não conseguimos decifrar muito bem sua expressão, mas ao menos tinha um sorriso na cara.

– E aí, pessoal?

Alf estendeu os vinte dólares.

– Será que você podia comprar a *Playboy* para a gente?

O sorriso dele aumentou.

– Vanna White! – exclamou, com jeito de quem estava entendendo tudo. – Já ouvi falar dessas fotos!

– Três exemplares custam doze dólares – explicou Alf. – Você pode ficar com o troco.

– Cara, não precisa me pagar! Faço de graça.

– Sério?! – guinchou Alf.

– Claro! Eu cresci aqui. Meu nome é Jack Camaro, como o carro.

– Ele apertou nossas mãos como se fôssemos velhos amigos. – É um prazer poder ajudar. Vocês precisam de mais alguma coisa? *Penthouse*? Cigarros? Bebidas?

Alfred contou e pôs doze dólares na palma da mão dele.

– Só os três exemplares.

– A gente agradece muito – falei. – Obrigado.

– Três *Playboys* – repetiu Jack Camaro. – Sem problema. Esperem aqui.

Ele entrou na Zelinsky e nós ficamos olhando, de queixo caído. Era como se tivéssemos invocado um gênio mágico que obedecesse a todos os nossos desejos. Um momento depois, Jack Camaro saiu da loja e veio em nossa direção, ainda segurando os doze dólares.

– Acabei de ter uma ideia – disse ele. – Vocês têm certeza que três exemplares bastam?

– Três são o suficiente – informei.

– Um para cada um de nós – justificou Alf.

– Pensem bem – advertiu Jack Camaro. – Aposto que no colégio de vocês tem uma porção de tarados querendo ver essas fotos. Se vocês

comprassem mais alguns exemplares, podiam cobrar o que bem quisessem por eles.

Percebemos de imediato o brilhantismo daquela proposta e começamos a falar todos ao mesmo tempo. A maioria dos nossos colegas de classe gastaria dez, quinze ou até vinte dólares para ter as fotos de Vanna White. Jack Camaro sugeriu que oferecêssemos “exemplares de aluguel” para o resto da turma; poderíamos alugá-los por um ou dois dólares por noite, exatamente como os vídeos na locadora Video City.

– Você é um gênio! – exclamou Clark.

Jack Camaro estufou o peito.

– Sou empresário. Busco oportunidades. É isso que chamamos de oferta e procura.

Raspamos os bolsos e juntamos o restante do nosso dinheiro – 28 dólares a mais. Jack Camaro compraria dez exemplares pelo total de quarenta paus, mas insistimos que ele ficasse com uma das revistas, como retribuição por seu trabalho.

– É muita generosidade – disse ele.

– É o mínimo que podemos fazer – declarou Alf.

Ele entrou na loja com o dinheiro e nós voltamos para o banco. De repente, o nosso futuro parecia cheio de esperança e de possibilidades. Com a ajuda de Jack Camaro, poderíamos *todos* ser empresários.

– Vamos ganhar uma fortuna! – exclamou Alf.

– Calma – pediu Clark, insistindo que devíamos ter juízo e investir nossos lucros em mais revistas.

Clark falou que, com nossos ganhos, deveríamos comprar não apenas *Playboy*, mas *Penthouse*, *Hustler*, *Gallery* e *Oui*.

– O melhor seria comprarmos centenas de exemplares. Se tivermos bastante estoque, não há limite nesse negócio!

Alf revelou seu projeto de comprar um Ford Mustang; Clark disse que pagaria a operação para a retirada da Garra; e eu ajudaria minha mãe a pagar as contas, de modo que ela não precisasse mais se preocupar tanto com tudo.

Esses sonhos duraram ao todo seis ou sete minutos.

– Ele está demorando – reclamou Clark finalmente.

– É hora de muito movimento – argumentou Alf. – A loja fica cheia. Mas a gente não tinha tirado o olho da porta, e nenhum outro frequentador entrara nem saíra da loja.

– Talvez ele seja um padre disfarçado – sugeri. – Talvez ele e Zelinsky estejam ligando para o Vaticano.

Alf virou-se para mim, zangado.

– Isso acontece de verdade, Billy! Você não fica sabendo porque os padres disfarçados não querem publicidade, mas acontece!

– Calma – repetiu Clark.

Contamos até cem antes de mandarmos Clark ver o que estava acontecendo na loja. Ele prometeu que não diria nem faria nada que atrapalhasse o plano. Só localizaria Jack Camaro e voltaria para nos informar. Então, sumiu porta adentro. Alf e eu permanecemos paralisados onde estávamos. O ponteiro de segundos do meu relógio marcou um minuto completo, depois outro, depois outro. Nós não nos mexemos. Mantivemos o olho na porta, esperando que Clark voltasse.

– Tem algo errado – disse Alf.

– Com certeza – emendou Clark.

E de repente lá estava ele, atrás da gente, como Doug Henning ou David Copperfield após escapar de uma caixa hermeticamente fechada.

Alf girou para trás.

– Deus do céu! Como é que você...

– Existe uma porta traseira, idiota. É possível estacionar nos fundos da loja.

– Então cadê Jack Camaro? – perguntei.

Minha pergunta pairou no ar enquanto a verdade ia penetrando na gente. Jack Camaro já tinha ido embora fazia tempo, quarenta dólares mais rico. Nossos sonhos de empreendedorismo e de prosperidade escorreram pelo ralo. Reunindo todo o dinheiro que nos sobrara, pouco mais de um dólar, mal dava para alugar um vídeo.

– *Kramer vs. Kramer?* – questionou Clark.

Partimos desolados para a Video City.

3

```
300 REM *** TRANSFERIR CONJUNTO DE PERSONAGENS ***
310 PRINT "CONFIGURANDO O JOGO..."
320 PRINT "AGUARDE POR FAVOR..."
330 POKE 56334,0
340 POKE 1,51
350 FOR ADDRESS = 2048 TO 6143
360 POKE ADDRESS, PEEK (ADDRESS + 51200)
370 NEXT ADDRESS
380 POKE 1,55: POKE 56334,125
390 RETURN
```

■

ANTES DE CONTINUAR, PRECISO FAZER uma pausa para contar a vocês sobre o *Strip Poker com Christie Brinkley*. Era um jogo que jogávamos no meu computador Commodore 64, uma simulação que punha seres humanos disputando com uma supermodelo, jogado com cinco cartas. A máquina representava o papel de Christie Brinkley, a mulher mais bonita do mundo – até aparecer Vanna White –, que ocupava o centro da tela. Toda vez que ela perdia uma jogada, desaparecia a blusa, a saia ou o sutiã; o objetivo era tirar as roupas de Christie antes que ela

tirasse as suas. A coisa mais fantástica sobre o *Strip Poker com Christie Brinkley* é que era impossível comprá-lo nas lojas. Meus amigos e eu fomos os únicos a jogá-lo. Eu mesmo o criei, digitando no computador muitas centenas de linhas do código BASIC.

Alf gostava de debochar da simplicidade do jogo. Eu fiz uma ilustração para representar Christie Brinkley usando caracteres ASCII – uma mistura de pontuação e símbolos matemáticos –, de modo que ela era pouco mais do que uma caricatura:



Eu sabia que não tinha feito uma Mona Lisa, mas de qualquer forma me orgulhava do jogo. Levara semanas tentando ensinar o computador a diferenciar um par de uma trinca e de um royal flush. Cheguei até a descobrir uma maneira de as cartas da sorte provocarem alguma surpresa. Mas Alf não dava valor a nada disso. Só reclamava que a Christie do computador não tinha pentelhos; não chegava nem a ter pulsos.

– Além do mais, as pernas são curtas demais – reclamava Alf. – Ela não é prepucional.

– Você quer dizer proporcional? – perguntei.

– Exatamente. É terrível.

Tentei não levar as críticas de Alf para o lado pessoal. Disse a mim mesmo que ele não fazia ideia da dificuldade que era criar um jogo de computador – nenhum dos meus colegas de turma fazia. Nosso colégio possuía um laboratório cheio de computadores TRS-80 novos, mas isso em 1987, quando nenhum dos professores tinha noção do que fazer com eles. Usavam as máquinas para ensinar técnica de digitação e ensaiar vocabulário.

A maioria dos garotos não tinha computador em casa. Eu era um dos sortudos. Minha mãe ganhou o Commodore 64 numa competição da Wetbridge Savings and Loan. Quando ela o trouxe para casa, achei que fosse apenas uma máquina de jogo complicada – um Atari 2600 turbinado. Mas, depois de ligar tudo e de ler o manual, fiquei espantado ao descobrir que o Commodore permitia que você *criasse* seus próprios jogos – aventuras espaciais, combates, corrida de carros, qualquer coisa que você quisesse. E, quando vi, estava viciado.

Enquanto os professores continuavam a recitar monotonamente equações algébricas e os acontecimentos da Revolução Americana, eu ficava sentado no fundo da sala, fazendo consultas furtivas ao *Commodore Programmer's Reference Guide*, o guia de referência de programação do Commodore, e esboçando imagens de 8 bits em papel quadriculado. Eu assinava revistas especializadas, com páginas cheias do complicado código BASIC (PARA X IGUAL A 1020 ATÉ 1933 INCREMENTE 3) que os leitores podiam digitar diretamente nas suas máquinas. Muitas vezes eu ficava acordado alimentando o computador com programas até uma ou duas da madrugada. Era um trabalho lento e chato, mas cada programa me ensinou alguma coisa nova, e às vezes eu copiava trechos do código nos meus próprios jogos. Alf e Clark foram os únicos que jogaram os jogos que criei, e *Strip Poker com Christie Brinkley* era o mais ambicioso até então – projetado sob medida para conquistar a aprovação deles.

– Os mamilos são feitos de zeros! – reclamava Alf. – Essa é a pior parte. Quem vai querer jogar *strip poker* com uma Christie Brinkley com zeros no lugar de mamilos? Você não pode caprichar mais neles?

Isso foi poucos dias depois do incidente com Jack Camaro, quando estávamos reunidos em volta do computador, no meu quarto, bebendo refrigerante avidamente, entediados até não poder mais.

– Posso trocar por asteriscos – sugeri, mas Alf e Clark concordaram que com asterisco ficaria ainda pior.

– Deixa pra lá, Billy – disse Alf. – Vamos jogar outra coisa.

Ele ejetou o disquete do drive. Tentei agarrar o negócio antes que ele visse a etiqueta, mas não fui rápido o suficiente. Nela se lia:

STRIP POKER COM CHRISTIE BRINKLEY
UM JOGO DE WILLIAM MARVIN
COPYRIGHT © 1987 PLANET WILL SOFTWARE

Alf leu a etiqueta e deu um riso de desprezo.

– *William* Marvin? – perguntou.

Fiquei vermelho.

– É o meu nome.

– O quê? Feito William Shakespeare?

Clark se inclinou para ver.

– O que é Planet Will Software?

– Minha empresa – respondi.

Alf riu mais forte ainda.

– Sua *empresa*?

Era uma dessas ideias que não pareciam tolice até que alguém dissesse aquilo em voz alta.

– Deixa pra lá – falei.

Mas Alf estava só começando. Ele fez um gesto que abarcava meu pequeno quarto, apontando para os cartazes de Spuds Mackenzie e das supermodelos de biquíni nas paredes.

– E este é o quartel-general de sua empresa? Posso ser o executivo-chefe?

– É só uma brincadeira – expliquei. – Escrevi isso na etiqueta para fazer graça.

Alf não pareceu convencido, por isso peguei o primeiro objeto que vi capaz de desviar sua atenção – a edição de 1987 da *Sports Illustrated*, dedicada aos maiôs – e joguei no colo dele.

– Confira a página 98. Kathy Ireland está se balançando num cipó, que nem Tarzan.

O truque deu certo. Alf abriu a revista e parou de implicar comigo – foi um alívio. Apesar de ele e Clark serem meus melhores amigos, eu não tinha contado aos dois que meu plano secreto, quando crescesse, era criar videogames e viver disso. Eu queria ser o próximo Mark Cerny, o brilhante projetista de jogos contratado pela Atari quando tinha apenas 17 anos. Queria trabalhar com visionários como Fletcher Mulligan, o lendário fundador da Digital Artists, e ter minha própria empresa de software. Tudo isso parecia loucura quando dito em voz alta – como declarar que você ia ser astronauta ou presidente dos Estados Unidos. Quando os adultos perguntavam o que eu queria ser quando crescesse, eu apenas dava de ombros e murmurava: “Não sei.”

Alf enfiou o nariz na revista, tentando inalar o perfume de Kathy Ireland, mas Clark ainda estava apertando o disquete com sua Garra, como se tivesse sido dominado por uma ideia excepcional.

– Planet Will é uma empresa de verdade – disse ele.

– É só uma brincadeira – insisti.

– Mas pode ser de verdade – declarou. – Existem adolescentes de verdade que criam e vendem videogames. Eles tocam empresas de verdade em suas garagens. E compram material de escritório em lojas como a do Zelinsky.

Clark abriu meu armário e começou a tirar roupas que eu não vestia havia séculos – o casaco esportivo de minha formatura no primário, as calças que eu usava para ir à igreja no Natal e na Páscoa, sapatos pretos gastos que não cabiam mais em mim.

– Calce isso – ordenou ele.

– Por quê? O que você pretende? – perguntei.

– Operação Vanna, tomada dois – anunciou, como num filme. – Tive uma ideia melhor; essa vai dar certo.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br